N.º 10 — 1.º anno

O XUÃO

Director e proprietario
ESTEVÃO DE CARVALHO

Semanario de caricaturas

Secretario da redacção
JULIO DUMONT (Orlando)

Redacção e administração
R. da Cruz dos Poyaes, 84, 3.º, E.

Composto, impresso e lythographado na «A EDITORA»
L. Conde Barão, 50 — LISBOA

Lisboa, 28 de Abril de 1908

ASSIGNATURAS (Pagamento adiantado)
Anno ..... 1$000 réis
Seis mezes ..... 500 »
Três mezes ..... 300 »
Numero avulso, 20 reis
ANNUNCIOS, preço convencional

OVOS... CELEBRES

O que estará para sahir agora d'aquelle?

CHRONICA

Estamos n'um campo de batalha... A' proverbial e safada brandura dos nossos costumes, com que os varios Accacios businam considerações sociologicas, vae succedendo uma actividade inesperada de todos os partidos, que se enviam uns aos outros petardos sangrentos.

No seio da nação portugueza agitam-se, á laia de minhócas n'um lameiral, as mais estranhas e complicadas theorias, enroscam-se os principios mais antagonicos, debatem-se as doutrinas mais oppostas... De todas as partes se procede com um ardor epico, todos envergam a couraça guerreira, cada um procura as armas mais proprias, afim de despedaçar o inimigo...

Do alto da nossa imparcialidade, de braços cruzados em attitude napoleonica, analysamos o soberbo conjuncto. Percorre-nos a espinha uma tremura sagrada. Esta collisão partidaria e philosophica, em plena aurora do seculo XX, perturba-nos na sua embriaguez heroica, pois nos parece um 89 de nova especie, com guilhotinas a espirrar em repuxos de sangue e espadins fidalgos desembainhados á turba.

O movimento começa nas camadas infimas, onde ha as profundas intuições das epochas definitivas para a Historia, e sobe em ondeios e turbilhões por todas as classes, até ao absolutismo generoso da idéa anarchista. Entre estes dois extremos, tudo procura moer, esmagar, derruir, reduzir a tenue poeira os inimigos, tudo levanta idéas, argumentos, sophismas, insinuações, combinações, arietes, muralhas, barricadas, protestos, odios, trapos, bugigangas, balas, mosquetes e torpedeiros.

E' a confusão anterior aos actos sociaes. E' a nebulosa, mãe dos mundos e dos homens. E' a agitação dos atomos que se procuram, que se agrupam, formando as diversas manifestações da vida. E' o rumor subterraneo que precede o vulcão. E' o crepitar dos corpos, antes de explodir a labareda. E' o ruido sublime que precede a madrugada... E' a colera, e o rastilho, é o encontro das forças n'um ponto unico!

Eil-as! Ahi vem a *Nação* com seu mantéu, bentas ventas obstruidas pelo simonte, dois pellos veneraveis no queixo acutangulo, bandós grisalhos e sóccos de verniz... Seguem-se agora o *Portugal* e a *Palavra,* n'um grupo de sotaina e caldeirinha, rosario na mão esquerda e baraço na mão direita, olhos enviésados sob os oculos verdes... Toda a parada governamental acampa ao lado, com a gravidade parlamentar dos espantalhos solemnes, cabeças ôcas de manequins de mostrador e linha inabalavel de barrigas repletas... Republicanos, revoltas gaforinas ao sopro das iras, olheiras doentias das vigilias nocturnas, em redor das cidadellas monarchicas... A blusa dos socialistas, rasgada e suja dos machinismos... Os febricitantes gestos dos libertarios, a subirem d'uma aspiração vaga á tona dos factos, em gritos condemnatorios da miseria presente... Um congresso que pede instrucção... Outro congresso que pede liberdade... Outro congresso que pede civismo... Uma, duas... muitas procissões com musicas e militares de grande uniforme, ladeando a *Lavradeira* descalça e penitente... O paiz inteiro agitado, a ranger os dentes e a crispar as unhas...

Sente-se o estrepito das carretas da artilharia... Em todos os pontos os clarins acordam... O estalido dos cães das caçadeiras responde ao surdo afiar das roçadouras. A'lerta!... Aquelle ciciar na sombra, não se sabe se é uma conversa d'amigos se os cartuchos a entrarem nas cartucheiras...

Na disputa dos elementos sociaes, ha o panico e a apprehensão. Que irá succeder? O diluvio? O terramoto? O esphacelar de todo um organismo gasto, arruinado, moribundo? Os reaccionarios entram na caserna e pedem a cooperação da Força. Os monarchicos do governo saem das suas mangedouras do Terreiro do Paço e pedem o auxilio — de quem? Dos outros, amigos ou inimigos, comtanto que lhes garantam a ruminação dos seus empregos. Os avançados pedem ordem... Pedem ordem, mas todos, reacionarios, ruminantes e revolucionarios, tudo está pallido...

Defrontam-se desassombradamente, é certo, uns com o desassombro da estupidez, outros com o desassombro do cynismo, outros com o desassombro da verdade... Porém ha suor nas cabeças e peso nos corações... Ha o receio dos resultados... Semeou-se, combateu-se, contundiu-se, orientou-se e desorientou-se, inquietou-se e revoltou-se a nação inteira e a nação inteira vae proceder ao ajuste de contas...

Que se receia? Sabe-se lá! Os reacionarios receiam a luz, os ruminantes receiam a luz, até os avançados receiam a luz. Os primeiros porque os mata, os segundos porque os envergonha, os terceiros porque ella vae illuminar o estendal dos erros, dos crimes, das villanias, das falsidades d'um passado nocturno, sobre o qual é preciso construir sociedade nova. E ai d'aquelles cuja missão é organisar... Elles receiam, ao irromper a luz, que o excesso de podridão nos afogue a todos!

Ainda bem que estamos assim! Ainda bem que todos os interesses se digladiam na Praça Publica. O paiz deseja viver, avançar, tornar-se digno e consciente. O resultado de todo este cataclysmo luminoso, feito d'aspirações tão differentes e de impulsos tão contradictorios, dirá se Portugal tenciona ficar na Europa, ao lado da França e da Inglaterra, ou se tenciona partir para Borneo, constituir uma colonia das potencias.

Quanto a nós, desejamos o embate e o mais breve possivel... Choquem-se os partidos, os homens e as idéas, já que assim é preciso! Dos farrapos da sotaina, dos escombros do regimen velho e do flammejar arrebatador dos ideaes novos, ha de surgir — nós o acreditamos consoladoramente — para honra da Historia e da Liberdade, a raça portugueza, consciente e viril!

E. DE C.

Glosas

MOTE

Já vigoram as querellas
Em nome da «acalmação»

GLOSA

Fugiu a dar ás *canellas*
O *valiente* dictador,
Mas p'r'aos jornaes dar calor
Já vigoram as querellas.
Ahi temos nós as bellas
Vanguarda ao empurrão,
Ao *Paiz* dando puchão,
E a *Republica* a atacar,
Sempre, sempre a provocar
Em nome da «acalmação!...»

LEÃO PARDO.

Animatographo... vivo

Cada vez que rabisco estas lerias, pergunto aos meus botões:

— Escreverei outras?

Este ponto de interrogação provém de que, reconhecida a gentileza da policia e o humanitarismo da municipal, estou sempre, como todos nós, na contingencia de ir parar ao outro mundo «provisoriamente».

Os boatos que os thalassas e os jesuitas fazem propalar são terrivelmente assustadores.

Se não resulta uma chacina de christãos novos, com o rotulo de matança nos *jacobinos velhos*, então apparecem por ahi umas epidemias de lesões no coração e *medo interites* que rapam os cidadãos e invadem os *water-closets*.

Santo breve de Marca!

E' preciso haver cautela
E ter *leria* muito fina,
Porque vae haver chacina,
Vae ser enorme a desdita.
O padre Mattos já pula,
E quem lesto não fugir,
Pelo menos morre a rir,
Tal qual a Maria Rita!

*

Ha dias roubaram a uma senhora uma pequena mala que tinha objectos de valor.

Foi a queixa para a policia, prendeu-se o gatuno, a mala foi apanhada mas, com grande espanto da queixosa, o gatuno foi mandado em paz.

A pobre mulher protestou e um chefe disse-lhe (conta-o *O Mundo*):

— Olhe, minha senhora, eu vou informar o senhor conselheiro, porque elle *talvez não soubesse bem do que se tratava*, e mando outra vez chamar o homem para vêr se ainda se pode fazer alguma coisa.

Aquelle «talvez não soubesse bem do que se tratava», que nós sublinhámos, é digno da historia.

Põe-se em liberdade um homem criminoso ou não, como se poderia ferrar n'um carcere um innocente, com o mesmo estribilho: *talvez o sr. conselheiro não soubesse bem do que se tratava*.

E' boa!

E' mesmo muito boa!

E' bem pouco lisonjeiro
Que um *rata* vá p'rá frescata
Gastar do roubo o dinheiro,
Porque o sr. conselheiro
Não sabe do que se trata.
Mas inda é mais *carunfeiro*,
Se um cidadão se maltrata
Em visita ao Limoeiro,
Porque o sr. conselheiro
Não sabe do que se trata!

*

Por occasião da procissão da Saude um militar que passava pela rua com varios amigos não tirou o *kepi*, por distracção.

Um padre, com aquella mansidão christã que Christo prégava, esbugalhou os olhos e arrancou-lhe o bonnet da cabeça, á força, provando ter lido os compendios mais avançados da boa delicadeza.

Houve protestos e o sr. major Novaes da policia, que é muito versado em todos os Felix Pereiras do universo, prendeu o militar, mandando-o apresentar no quartel.

Muitissimo bem.

Então um homem tem o direito de protestar quando um ministro de Deus tem a *bondade* de lhe deitar a benta unha ao chapéu, com a mimosa unecção evangelica de um apostolo?

Não.

O dever era tirar a espada e... *apresentar lh'a* devidamente.

Mas o reverendo decerto perdoará a irreverencia, por esta vez, ao pobre militar, a quem não conhecemos, mas por quem pedimos.

Nós sabemos que o rev'rendo
Possue um bom coração,
E por isso estamos vendo
Que ha, decerto, absolvição!

*

Do *Popular*:

«Morreu de vez em Portugal o absolutismo, com qualquer feição que seja, por mais dourada.»

Morreu, e a prova teve-a o povo no dia 5 de abril em Alcantara e no largo de S. Domingos.

Até pelo seu enterro houve as descargas do estylo!...

Finou-se o absolutismo
Do franquismo,
Que mostrava o fero rosto.
Mas p'las leis da successão,
Sabe todo o cidadão:
Foi *um rei morto, rei posto!*

*

Corre o boato que depois da acclamação vamos ter um governo militar.

Já sabemos.

Os decretos são: apontar, descarregar, fogo!

Deve ter immensa fama,
Ser governo dos mais sérios,
E, segundo se proclama,
Deve ter no seu programma
Alargar os cemiterios.

ORLANDO.

Paraphrases

(SEM PRETENÇÕES, AOS SONETOS DO 7.º VOLUME DAS POESIAS DE BOCAGE)

V

Não sei bem onde pára, vive ou *dança*,
Mais a sua virtude *desgrudada*,
O Fervilha de venta *arrebitada*;
Se em Portugal, Suissa, Italia ou *França*.

Não sei se inda tem birras de *creança*,
Se já deixou de ter sempre *encrespada*,
A fronte mais mal feita do que *alçada*,
Que todos conservamos em *lembrança*.

Nem sei se deixou já de ser *bisonha*
A apparencia que tem, lembrando um *bicho*,
Nem mesmo se ao acaso achou *vergonha*.

Saber me basta e bem que o seu *capricho*
Já pouco póde e menos a *peçonha*,
De tal féra domavel só *a esguicho*.

A. NEVES.

E' justo

A *Vanguarda* zanga-se porque uns influentes eleitoraes (vulgo galopins) vendem a carne em Cascaes mais cara, alterando a tabella.

O' meninos, é para cobrir o prejuizo que elles tiveram no carneiro que deram de *borla* aos eleitores.

Lerias...

Puz um annuncio ha já dias
A ver se arranjava esposa
Que fosse assim *qualquer cousa*
E me trouxesse alguns bens;
Recebi montões de cartas
(Que trabalhão p'r'ó carteiro!)
Mas, ácerca de dinheiro
Nenhuma tinha... vintens!

Fiz outro annuncio mais claro:
«Cavalheiro sem ter *cheta*
«Quer madama branca ou preta
«Que tenha *biggo* e que o dê.»
Responden-me certa velha,
Feia como um chimpanzé,
Mas orando a S. José
Vou casar e eu sei porquê.

Mas aqui, porque me caso
Com a velhota ricassa,
Que me dá a rica *massa*,
E diz que muito me quer,
Vou *prantar* annuncio novo:
«Haverá um cavalheiro
Que emquanto eu gasto o dinheiro
Ature a minha mulher?»

OSCAR.

Já?

No Congresso do Livre Pensamento um orador propoz que se não tratasse ninguem por *excellencia*.

Então já se acabaram as pessoas excellentes?

Em poucas palavras

A semana passada foi cheia de raptos. Até uma creança de 11 annos foi arrulhar idyllios d'amor com um *gavião* de trinta e picos.

Quem nos raptará a *acalmação* do *pápa-jantares*?

Mas.. para bem longe.

— Um jornal monarchico diz que os republicanos são «inoffensivos».

D'accordo.

Já a Carta Constitucional e as li-

O Gabinete... Magico

A melhor ***justiça*** é cortar o mal pela raiz!...

O somno do justo

Podes dormir á vontadinha, porque não ha perigo!...

berdades publicas não dizem o mesmo dos monarchicos.

— O *Portugal* declarou que não atacava os adversarios na quaresma, mas que depois «trabalhava o pau».

Esperava-se morticinio grosso de *aperuados* artigos, mas... sahiu ratinho da montanha.

Perdão, não sahiu ratinho: sahiu vinho. Rima e é verdade.

— No congresso dos professores um dos delegados declarou que o professor devia saber tudo.

Tudo, menos... comer.

Está certo.

— Os actores vão ter jazigo para descançarem tranquillos no derradeiro somno.

Agora, sim, já podem morrer satisfeitos de fome quando não arranjarem escriptura.

— No dia das exequias quem se quizesse approximar do local, por morar no sitio de Belem, ou ir em serviço, tinha de ser apalpado.

Quem nos dera o trabalhinho de apalpar as *madamas!*...

Que rica consolação!

— Diz-se que brevemente vae reunir um congresso peninsular do livre pensamento.

O' meninos, quando se reune um peninsular do *amor livre* com bonitas congressistas da patria de Cervantes?

Decerto que resultam d'ahi trabalhos praticos.

LÁ-CONICO.

Um sabio russo annuncia para breve o fim do mundo pelo choque de um planeta maluco com o nosso.

Com a breca.

Querem ver que o João se transformou em planeta?...

Acalmação

A guarda fiscal *armou* em corpo de segurança e subiu-lhe o zelo á cabeça.

Cidadão que passe ás portas é apalpado, recheiado de mil perguntas e o que elles querem saber é se o sujeito *tem armas*.

Olhem que espiga para certos maridos se teem de transpôr as barreiras...

Zangam-se as comadres!!...

Nós somos os tres! Tres só!
Amantes da Zaragata
— O Tavares todo liró...
— O Thalassa, e o Reymata!

Unidos como tres manos
Com segredos horrorosos,
Vimos ralar os tutanos
Aos rotativos manhosos!

Temos coisas a dizer...
Tantas provas a mostrar...
Coisas que fazem tremer!
Provas que fazem suar!

Que ninguem levante a voz,
Não se façam atrevidos...
Que se não fale de nós,
Quando não... adeus partidos!

Ora pois, tomem lá nota,
A gente não é p'ra graças!
Saibam descalçar a bota,
Quando não... chucham Thalassas!

ZÉ PEREIRA.

Ricos... ticos

Diz-se que os *thalassas* de Alcantara, que felizmente estão na muda da penna, vão reapparecer, sob a presidencia honoraria do *Chico teso*, com a coadjuvação de varios chicos.

Ai que ricos, ticos, ticos!

Cambios... á meia volta

Acha o *Mundo* de segunda feira passada que o *Quinito* é eximio em sortes de *canastra*...

Oh! co'os diabos!... Então o Joaquim Navarro que toda a gente reconhece como um *bandarilheirão*... faz sortes de *canastra?*...

O' seu critico do *Mundo*, você é que me parece um canastrão!...

* * *

O Fernando Pereira tem a monomania dos discursos!

Como na ultima corrida em que entrou não estava lá o Martins para elle lhe impingir uma *fala*... zás! deita-se com unhas e dentes ao *Zé Jaleco* e ao Maia e... *bumba*, azoinou-lhes os ouvidos com sortes offerecidas que até parecia que estava maluco o raio do homem!

Estaria?...

* * *

Diz a *Grève* que a empreza do Campo Pequeno já fez as pazes com a municipal.

N.º 3 — FOLHETIM DO "XUÃO" — 28 de abril

As seis mulheres do sr. Pingouin

CAPITULO II

O visitante mysterioso

— Santo Deus! exclamou, não posso estar um momento socegada!... E' capaz de estar a tocar até ao dia de juizo!

Terceira campainhada.

— Oh! que verdugo!... ha de fazer com que eu morra de desgosto!... Ah! lá estão elles em casa... Vão para o quarto da cama!...

Desgraçado capitão!... já não os vejo... sim, desappareceram; vou abrir a porta ao Pingouin.

Dizendo estas palavras, continuava sempre a olhar para o jardim, onde não estava ninguem. O Theophrasto, inquieto, poz os embrulhos no patamar e continuou a tocar com toda a força. O gato, muito assustado, foi esconder-se debaixo de uma cadeira.

Então a Eudoxia, fria e digna, como uma pessoa gravemente offendida, abriu a porta, dizendo em tom colerico:

— O senhor endoideceu?... Quer pôr todo o bairro em alvoroço?... Que maneira é essa de tocar a campainha?

O Theophrasto ficou de bôcca aberta, como um rapaz que tem medo de levar açoites.

— Oh! menina, implorava elle, tu não respondias... julguei que te tinha acontecido alguma coisa...

— Bem, bem, interrompeu seccamente a amavel Eudoxia, apanhe a hortaliça e entre... Estava muito apressado.

O sr. Pingouin obedeceu, sem dizer palavra, mas quando se baixava para apanhar os embrulhos, deixou ouvir um leve ruido.

Bem o quiz dissimular tossindo, mas a esposa tinha o ouvido.

— O senhor é um grande porco! disse ella com um soberano desprezo.

— Oh, menina, tu bem sabes que não foi por querer!

— Cale se, monstro desnaturado, já devia ter vergonha!... Asphyxia-me de dia e de noite com os seus gazes... Ouve o que lhe digo?... Não os pode suster? Quando eu casei comsigo, não se combinou que havia de supportar o seu mau cheiro!

O sr. Pingouin poz os embrulhos em cima da mesa; depois pegou n'um jornal velho e foi-se embora, amarrotando-o.

— Outra vez, rosnou a Eudoxia. Ainda agora entrou, e já vae para a casinha! Que homem! meu Deus, que homem!

Mas a discussão não lhe tinha feito esquecer a sr.ª Pibole e por isso tornou a ir espreital-a. Teve a satisfação de assistir á separação d'ella e do rapaz.

Abraçaram-se antes de se separarem, e apertaram muito as mãos um ao outro; pareceu á Eudoxia, no murmurio confuso das palavras trocadas, distinguir estas:

— Até ámanhã...

Deu uma gargalhada sinistra e murmurou:

— Amanhã o capitão ha de saber tudo.

E logo, para não perder tempo, escreveu uma carta anonyma dirigida ao sr. Pibole. Quando o marido tornou a apparecer, — suando e resfolegando, mas alliviado, entregou-lh'a, dizendo-lhe com a sua voz mais meiga:

— Olha, meu queridinho, vae deitar esta carta no correio.

O sr. Pingouin fez uma careta horrivel. A perspectiva de ir passeiar não lhe agradava muito. Voltando machinalmente o sobrescripto entre os dedos, leu:

Ao sr. capitão Pibole,
no 225.º regimento de Infantaria
Quartel Vendôme
E. V.

— Para que escreves tu ao visinho? interrogou elle, e principalmente para que gastas dinheiro no sello, quando basta só atravessar a rua para entregar esta carta ao capitão?

— Maças-me com as tuas perguntas ridiculas! exclamou a Eudoxia, eu te explicarei tudo quando vieres. Mas avia-te, vae á estação, para a carta chegar hoje mesmo. E' muito urgente... Emquanto vaes, trato eu do almoço. Vae, meu amiguinho. Ahi tens dez soldos para tomares vermuth... Não mettas a carta n'uma caixa, porque demora mais!

O Theophrasto, resignado, curvou a cabeça e sahiu.

A cem passos d'alli, — á esquina de uma rua, — havia uma caixa de correio.

Como ninguem o via, deitou alli a carta, apesar das recommendações expressas da mulher.

Depois, com a serenidade do dever cumprido, entrou no *Café Paillard*, onde tomou um vermuth bem merecido.

(Continúa).

Porquê?... Estavam zangadas?... Não sabia!...

...Que a empreza não podia passar sem ella...

Quando os touros não dão lambada a valer nos moços de forcado, que cada vez estão peiores, quem é que os havia de escoucear?

Só se fosse o...

* * *

Da *Epoca:*

«Affligem-se os hespanhoes porque Bombita fosse ferido n'uma corrida de touros em Madrid e recolhesse á enfermaria.

Não se mettesse com brutos!»

E' exactamente o que me dizem quando eu me afflijo ao ler certos destemperos da *Epoca!*...

* * *

CORRE:

Que o Carlos Martins vae entrar no *Instituto Ophtalmologico*, e que ainda dirigirá uma corrida esta temporada para não ser tão grande o escandalo da sua retirada... á capucha.

— Que o novo intelligente logo á segunda se sentiu indisposto, cedendo o logar a um artista de profissão.

— Que a continuarem estas indisposições a empreza está disposta a dar a direcção das corridas a diversos artistas.

— Que tambem já se indigita o Cesar da Rocha, ex-director de Algés, para egual cargo no Campo Pequeno.

— Que, se este não acceitar, a empreza tem de mandar fazer um especial á fabrica das Caldas.

MÁ LINGUA.

Deve ser isso

Um jornal noticiava ha dias que ha na America um feliz mortal que tem mais de um milhão de contos.

E' que naturalmente foi editor dos *Contos das mil e uma noutes* e tirou mais de mil exemplares.

Settas

Tivemos no Paraizo
Muitos cães, amostra bella;
Concorreram cães de sizo,
De colleira, fita e guizo
E tambem muita cadella.

E eu, que devo ao mercieiro,
Ao homem que vende pães,
Ao alfaiate, ao barbeiro,
Ao droguista, ao sapateiro,
Não mandei lá os meus cães!

Não vi o cão que o Gastão,
Tem na espingarda, um primor
O calote da nação,
O cão do Diogo Cão,
Nem o cão do gravador.

Nem o artista contractado
Para impingir poesia
Como fôra annunciado;
E o programma mutilado
Lá ficou... p'ra outro dia.

O tal *congresso* canino
Foi em parte, grande pala,
E lá vae elle n'um sino,
Acabando o desatino,
Sem falar o *cão que fala!*

CUPIDO.

Mudança de nome

O celebre japonez Raku, professor de *jiu-jitsu* (especie de fadistice oriental), propoz-se a luctar com qualquer dos herculeos homens que estão no Colyseu.

Como se sabe, o japonez é baixo, magro, o que vulgarmente se chama um *trinca-espinhas;* os outros são uns athletas capazes de metter qualquer de nós na algibeira do collete.

Por isso parece-nos que o Raku, muda de nome e dá em Bate-ku.

Longe vá o agouro.

Theatradas

A sr.ª D. Aldonça depois de velha deu em «gaiteira». Emquanto foi nova dedicou-se a varias *gaiteirices* amorosas, mas desilludida dos homens e da orchestra do amor, desandou para o amor ao theatro e affirma que ainda ha de ser actriz e fazer *ingenuas*. Admittimos porque o caso não é virgem.

Em busca de algum emprezario que a queira mesmo de graça esta semana tenciona ir aos seguintes theatros:

Trindade, a deslumbrante magica *O trevo de quatro folhas* a alternar com *As pupillas do sr. Reitor*.

Avenida, uma revista, o *A B C*, que está na ordem da noite a dar dinheiro.

Colyseu — O enlevo da D. Aldonça, porque ha lucta com cada homem que parecem dois e um cãosinho que fala melhor que muitos deputados da maioria.

Ella pella-se pelos homens alentados e pelos cãesinhos.

Principe Real que no dia 1.º de Maio inaugura a época de verão com a revista *O Pae Adão*, que deve causar sensação. Que atrapalhação de ão ão ão!

D. Amelia, zarzuella hespanhola com bons comicos, raparigas que até enchem de inveja a D. Aldonça e uma linda musica saltitante e alegre.

Rua dos Condes — Decerto não falta a D. Aldonça ao *Vae ou racha*, pois é revista para se rir á farta.

Para variar, porque a D. Aldonça gosta muito de variações, inscreveu para nas horas vagas frequentar, os seguintes animatographos e casas de variedades.

Salão do Rocio, Music Hall, Salão Avenida, Salão Ideal, Casino Etoile, Salão do Loreto, Maison Moderne e outros divertimentos que hão de entreter as noites de D. Aldonça emquanto não encontrar algum homem de mau gosto que faça o sacrificio de a aturar, mercê dos contos de réis da velhota.

Mas é preciso muito mau gosto!

REPORTER.

Cognac J. & F. Martell

PEDIDOS A

ESTEVES & ANAHORY

Rua de S. Nicolau, 71, 2.º

Homenagem aos deputados republicanos

Acaba de sahir um esplendido trabalho, a côres, proprio para quadro, com os retratos dos sete deputados republicanos. Cada exemplar 40 réis. Descontos aos revendedores. Envia-se para a provincia franco de porte.

Pedidos a Nicolau Lopes, rua da Esperança, 130, 3.º, Lisboa.

CARTAZ ARTISTICO